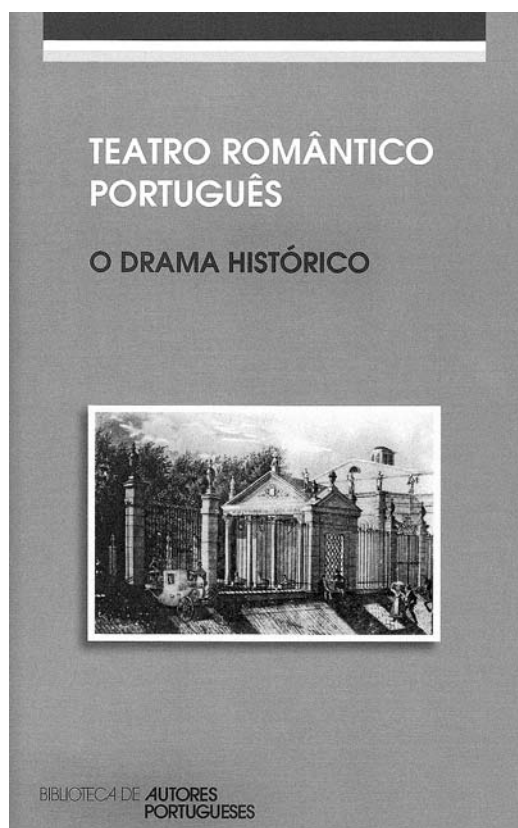


# Apresentação do drama romântico português

## Mestria, inteligência e eloquência

Ana Isabel Vasconcelos



AA.VV., *Teatro romântico português: O drama histórico, prefácio, selecção e notas de Luiz Francisco Rebello*, Lisboa, Imprensa-Nacional-Casa da Moeda, 2007, 413 pp.

dos séculos XIX e XX, recordando, também aí, o perfil de dramaturgos, hoje praticamente arredados do nosso convívio cultural.

O volume *O drama histórico* é o primeiro de uma série dedicada ao *Teatro romântico português*, "integrando-se a sua edição no programa de resgate da dramaturgia portuguesa" (contracapa). Na verdade, a Imprensa Nacional tem demonstrado uma atenção invulgar à tão necessária recuperação e divulgação de textos de teatro, apresentando-os sempre acompanhados por estudos introdutórios de grande qualidade.

A publicação agora em apreço inclui quatro textos dramáticos, escritos e representados entre 1838 e 1841, e um longo e substancial prefácio da autoria de Luiz Francisco Rebello. Os dramas escolhidos são de desigual valor, em termos literários, mas de igual importância para o objectivo em causa: ilustrar a produção dramática que sustentou este período da vivência teatral oitocentista, consensualmente designado como "primeira fase do período romântico". Temos, assim, a abrir este conjunto, *Um auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett, representado em 1838, seguido de *O emparedado*, de António Maria de Sousa Lobo, e de *Os dois renegados*, de José da Silva Mendes Leal, ambos representados em 1839, e, a fechar, *O cativo de Fez*, de António Joaquim da Silva Abranches, que subiu, tal como os anteriores, ao palco do Teatro da Rua dos Condes, já em 1841. Todos estes textos vêm acompanhados dos respectivos prefácios autógrafos, que já precediam os dramas nas edições originais, opção que saudamos, quer pela utilidade das informações de carácter contextual aí contidas, quer pelo interesse dos pontos de vista apresentados e sustentadamente defendidos.

Como se sabe, era então usual que a apresentação e mesmo a justificação das produções textuais fossem expressas em paratextos, alguns dos quais se tornaram até autónomos, constituindo-se como "textos doutrinários", enunciadores de princípios estéticos de um movimento ou tendência literários. É o caso do prefácio que acompanha o drama de Mendes Leal, que, replicando alguns dos princípios defendidos por Victor Hugo, é tido como o texto de referência da estética do (melo)drama romântico.

Luiz Francisco Rebello não é "um" historiador, mas "o" historiador do teatro português, o autor que, durante muitos anos, esteve praticamente sozinho na tarefa de produzir estudos, parcelares ou abrangentes, recuperadores do nosso passado teatral. A Luiz Francisco Rebello se foram juntando outros nomes, também de referência, como José Oliveira Barata e Duarte Ivo Cruz, e hoje são já em maior número os investigadores que, sobretudo no âmbito académico, se vão debruçando sobre um passado afinal bem mais povoado do que se supunha.

É já consensual que uma história da cultura não pode prescindir dos textos, tradicionalmente chamados "menores", significando esta adjectivação que exigem um esforço dos investigadores para que regressem à nossa memória. E destes textos também se tem ocupado Luiz Francisco Rebello em publicações como as que reuniram as peças em um acto escritas e representadas ao longo

Embora o prefácio a *Um auto* já tenha também obtido o estatuto de "texto independente" e não necessite de publicitação – uma das suas frases deve ser a mais citada nos estudos de teatro –, Luiz Francisco Rebello optou sensatamente por não o dissociar do respectivo drama, tendo dado igual atenção às imprescindíveis "Notas", onde, entre outros assuntos, Garrett se debruça sobre a importância da formação de um repertório nacional.

O drama de Sousa Lobo e o de Silva Abranches fazem-se também acompanhar dos respectivos textos prefaciais, escritos, tal como aconteceu com os anteriores, depois de as peças já terem ido a "provas públicas", ou seja, terem sido representadas num dos teatros públicos, após a necessária autorização do Conservatório, baseada no parecer dos censores.

Para além dos dramas e dos respectivos prefácios, Luiz Francisco Rebello teve ainda a preocupação em apresentar o percurso biográfico de cada um dos autores, elencando e datando as produções literárias e correspondentes representações teatrais. A fechar cada uma destas resenhas biográficas, é indicado o elenco que se ocupou da primeira representação de cada uma das peças, onde vamos encontrar, como intérpretes, nomes que, com a maior justiça, farão parte da história do teatro oitocentista: Epifânio, Vitorino, Teodorico, Anastácio Rosa, Lisboa, Mata, Sargedas, Emília das Neves, Catarina e Carlota Talassi, entre muitos outros.

Mas, afinal, que textos são estes que agora podemos visitar pela mão de Luiz Francisco Rebello?

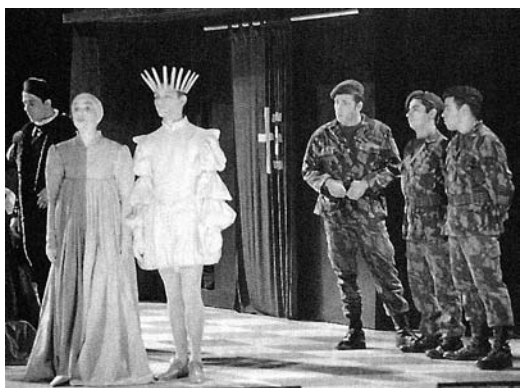
O primeiro dispensa apresentações, já que tem merecido alguns estudos e diversas edições. Tal como o responsável por esta edição refere, *Um auto de Gil Vicente* marca o início do romantismo no nosso país, tendo sido intenção do seu autor criar um "modelo" que incentivasse o aparecimento de originais, no sentido de constituir um repertório que sustentasse o relançamento do teatro português. Com o objectivo de o restaurar, recorreu à figura do seu fundador, Gil Vicente, tornando-a personagem da sua ficção, emoldurada pela vivência da corte de D. Manuel I, num momento especial: o da partida de D. Beatriz, filha do monarca, para Sabóia, em resultado do acordo matrimonial estabelecido. Tomando como motivo a partida, Garrett constrói uma trama ficcional que se apoia num acontecimento historicamente comprovado: a representação de uma peça de Gil Vicente, *As cortes de*

*Júpiter*, nas festas reais pelo casamento da princesa. Ao longo de 3 actos, entrelaçam-se várias e complicadas teias amorosas, destacando-se os amores, socialmente inaceitáveis e, agora, moralmente reprováveis, entre D. Beatriz e o poeta Bernardim Ribeiro.

A acção de *O emparedado*, de Sousa Lobo, o segundo drama aqui reproduzido, centra-se na noite de 6 de Dezembro de 1383, data do assassinato do Conde Andeiro, acontecimento completamente abafado pela importância que se confere a uma personagem enigmática, que percorre todo o texto e a que se atribui a designação de "Emparedado". Este vulto, sempre envolto em mistério, é João Lourenço da Cunha, primeiro marido de D. Leonor, cuja identidade só se desvenda no último acto, proporcionando o fim melodramático ao tempo tão apreciado: "A Rainha dá um grande grito e cai sem sentidos" (p. 226). Encontramo-nos, sem dúvida, perante o exemplo típico de um drama com características predominantemente românticas, que toma como pretexto um facto histórico, permitindo, no entanto, que acontecimentos extraordinários e inexplicáveis se achessem no decurso da acção e se apropriem do desenlace, que fica assim eivado de uma ficcionalidade quase desconcertante.

Segue-se o texto de Mendes Leal, *Os dois renegados*, cuja "acção ficcionada decorre em 1498, dois anos após o édito de D. Manuel que expulsava os judeus do reino" (p. 230). Na verdade, o enredo faz jus à intenção expressa pelo autor: "Não tive no pensamento fazer um drama histórico. Era-me necessário um ponto sobre o qual fixasse o meu painel. Tomei da história uma página, nesta página escolhi uma época e alguns nomes. São os pregos donde ele pende. Quanto ao mais, é um drama de imaginação" (p. 239).

*O cativo de Fez* é o drama de Silva Abranches que Luiz Francisco Rebello escolheu para fechar este conjunto. Tomando como ponto de partida o episódio narrado no capítulo XXIV da *História de São Domingos*, é tido como a causa próxima da escrita de *Frei Luís de Sousa*, utilizando também como motivo o regresso de alguém que se julgava morto. Longe da simplicidade e da eloquência da escrita de Garrett, Silva Abranches complica o enredo, introduzindo peripécias de fulgor ultra-romântico, sem contudo desprezar a vertente histórica do período sebástico. Apesar de desigual qualidade, "no plano da simbologia, as duas peças correspondem-se: a predição catastrófica de uma



das personagens criadas por Abranches – 'este reino todo irá precipitar-se nos areais d'África' – consuma-se, na obra de Garrett, com a destruição do núcleo familiar, entendida como metáfora do destino pátrio" (p. 51).

Evidentemente que, quando se trata de uma selecção, a escolha é sempre discutível, nem que seja por questões de gosto. Embora, como atrás afirmámos, os quatro textos que Luiz Francisco Rebello elegeu sirvam com toda a justeza e equilíbrio o fim desta publicação, atrevemo-nos a lamentar a não inclusão de um exemplar de *Morais Sarmento*, já que a produção dramática deste escritor ilustra um tipo de drama histórico que, nos antípodas de muitos outros, tem como preocupação primeira a fidelidade às fontes, chegando o dramaturgo a fazer a sua própria investigação histórica que apresenta detalhadamente em Notas apostas aos textos. Com uma peça deste autor – *Lopo de Figueiredo ou a Corte de El-Rei D. João II* ou *Diogo Tinoco ou a Corte de El-Rei D. João II em 1484*, ambas apresentadas em 1839 –, estaria ainda representada a escrita de autores como Perini de Lucca ou Serpa Pimentel, cujas composições dramáticas se encontram igualmente "bem encostadas às Crónicas", o que as torna (mais?) merecedoras do subgénero que motiva esta publicação.

Aliás, é precisamente entre estes dois pólos que Luiz Francisco Rebello situa as diferentes construções dramáticas e explica os cambiantes das convenções românticas em que se inscrevem os textos produzidos nesta época. Escreve o historiador: "Em termos muito esquemáticos, poderá dizer-se que no primeiro tipo de obras a História é ficcionada (posta em ficção) e no segundo a ficção é historicizada (situada na História)", ou seja, "de um lado, obras do género teatral em que a fábula e as



personagens se referem a sucessos e criaturas que realmente existiram" e "do outro lado aquelas que relevam inteiramente da ficção literária" (p. 70), tendo como traço de união o facto de a acção se situar num momento passado.

É é precisamente a propósito desta problemática que Luiz Francisco Rebello tece interessantes, pertinentes e até polémicas considerações sobre as relações entre a História e a Literatura, fechando com este assunto o seu estudo introdutório a que preferiu chamar "Prefácio". Nas cerca de 70 páginas que precedem os quatro textos dramáticos, Luiz Francisco Rebello presenteia-nos com um ensaio sobre o drama romântico português desta época (1838-1850), seus antecedentes, influências, textos, contextos e produções, com uma mestria, inteligência e eloquência que só nos resta aplaudir e esperar pelo volume seguinte, esse sobre os "dramas de actualidade", aqui anunciado pelo autor.

Ficamos então a aguardar.

< >

*Um auto de Gil Vicente*,  
de Almeida Garrett,  
enc. Luis Miguel Cintra,  
Teatro da Cornucópia /  
Teatro Nacional de S. João  
1996  
(< António Fonseca,  
Rita Durão, Luis Assis,  
Nicolau dos Mares,  
Renato Aires  
e Tónan Quito;  
> Luis Miguel Cintra,  
António Fonseca,  
Tónan Quito,  
José Manuel Mendes,  
Alfredo Martinho,  
Beatriz Batarda  
e Margarida Marinho),  
fot. Laura Castro Caldas  
e Paulo Cintra.